RELAÇAM

DA FELIZ CHEGADA
DA SERENISSIMA SENHORA

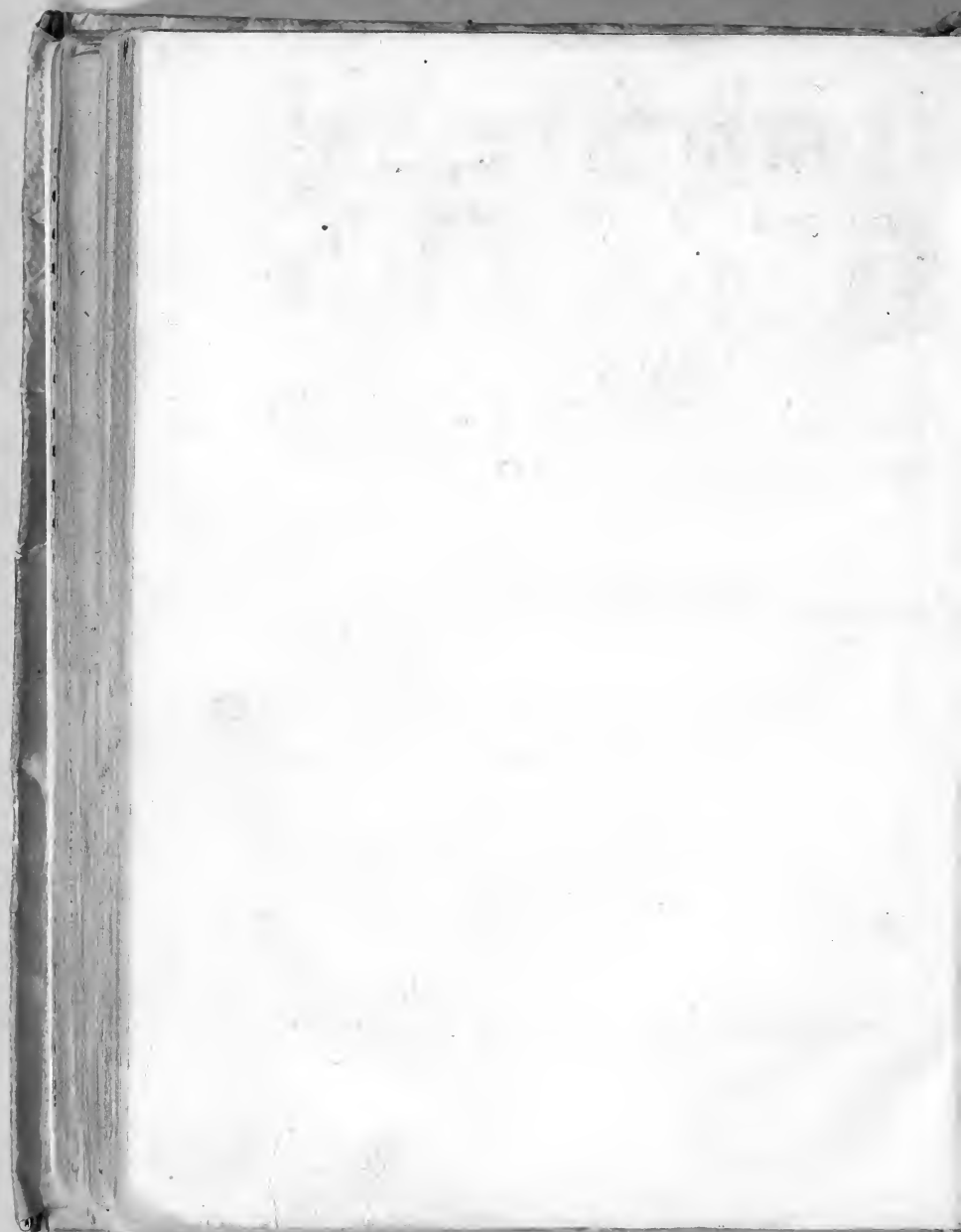
D. MARIA SOFIA ISABEL,

Raynha de Portugal, à Cidade, & Corte de Lisboa, em 11. de Agosto de 1687. & descripçaõ da ponte da Casa da India.

DEDICADA

A LOURENÇO PIRES CARVALHO, DO Concelho de Sua Magestade, & seu Sumilher da cortina: Provèdor das obras, & Paços Reaes, Deputado da Mesa da Consciencia, & Ordens, & da Iunta dos tres Estados: & Arcediago de Santarem na Sè de Lisboa.

Por Sebastiaõ de Affonseca, & Payva, Freire Conventual do Convento Real de Palmela, da Ordem de Sanct-Iago da Espada, & Mestre da Capella no Hospital Real de todos os Santos.

LISBOA.
Com todas as licenças necessarias.
Na Officina de DOMINGOS CARNEYRO.
M. DC. LXXX. VII.

DEDICATORIA

OS HUMILDES sempre buscáraõ o amparo dos grandes; os fracos, sempre solicitáraõ o arrimo dos poderosos. Quem mais grande, quem mais poderoso, que o animo de V. S? Quem mais fraco, quem mais pequeno, que o meu talento? mas amparado com o patrocinio de V. S. não terão que temer meus borrões, nem que recear os defeitos da minha penna: Esta obra, que naõ chega a ser mais que hũa noticia do muito que pede o assumpto, offereço ao amparo de V. S. para que possa luzir o que he sombra, & aggradar o que he erro: que tudo se faz por hum visinho, & com a sua benevolencia, poderey conseguir mayores arrojos. Guarde Deos a pessoa de V. S. &c. Lisboa em 4. de Setembro de 1687.

Humilde Cappellaõ de V. S.

Sebastiaõ de Affonseca, & Payva.

SYLVA PRIMEIRA.

ARTIO o Conde, & com algum myſterio
Dia da Conceiçaõ, para o Imperio,
Partio em tam bom dia
Que tambem com Lisboa o Ceo partia,
Pois Maria Sagrada
No Empyrio collocada,
Sua Conceiçaõ pura
Foy todo o noſſo bem, toda a ventura,
E era força que foſſe em tal empenho,
De todo o noſſo bem o deſempenho;
Partio em fim, ficando eſta Cidade
Livrando na eſperança a ſaudade,
Em breves dias fez aviſo o Conde
Que era a Neuburg chegado,
E que tinha o negocio effeituado;
Porque negocio que Deos toma apeyto
O meſmo he intentarſe, que eſtar feito.

Com

Com taõ ditosa nova
Os coraçoens amantes
Obráraõ logo excessos relevantes,
E Lisboa se vio em hum momento
Feita outro firmamento,
Porque com luzes varias
Ouve tres dias muitas luminarias.
Os navios com tiros repetidos
Eraõ da vista horror, & dos ouvidos;
As Torres,& o Castello,
De Troya pareceo vivo modello,
E entre nuvens de fumo,
Que se queimava o mesmo ar presumo,
Tantas luzes pella Cidade havia,
Que parecia a noite o mesmo dia.
Preparouse em Lisboa
O que no fim do mundo tanto soá;
Pois da ponte a grandesa
No adorno, & riquesa
Deu que ouvir,& envejar ao mundo todo,
Peço attençaõ, porque era deste modo.
Junto do mar sobre degráos de pedra,
De madeira formáraõ outra escada,
E emcima já no fim, logo á entrada
Hum portico muy rico,
(Que se naõ vio segundo, certifico)
Era de quatro faces,
E taõ iguaes as fez a Architetura,
Que eraõ todas iguaes na fermosura;
E era força que como o Sol o via,
Olhasse o rosto para o meyo dia.
Neste rosto primás com bem asseyo

Sendo

Sendo da viſta enleyo
Do mundo as quatro partes competiaõ,
E taõ claras ſe viaõ
Que eſtando lá na Aſia
A Cidade de Goa,
Se diviſou do forte de Lisboa.
Africa parecia
Que ſe abraſava, porque ſe deſpia,
E com o Sol que eſperava
Já de futuro, toda ſe abraſava.
Da America tambem a entender venho,
Que para verſos tinha muito engenho,
Taõ de amor,& de açucar parecia,
Que imaginey que alli ſe derretia.
Europa coroada,
Entre as Naçoens temida,& reſpeitada,
Bem moſtrava imperioſa
Que era de todas quatro a mais fermoſa,
Mas á viſta de tanta Mageſtade
Seria a preſumpçaõ temeridade.
Na face do Oriente
Donde o roſto do Sol ſe vé patente,
Eſtavaõ com brilhantes luzimentos
Eſſes quatro elementos,
Que vorazes,& pios,
Secos, humidos, já quentes,& frios,
A vida nos ſuſtentaõ
Quando as plantas,& flores alimentaõ,
Que ás vezes na eſtranheſa
Se conſerva melhor a natureſa.
Na face do Occidente
Do anno os quatro tempos diviſava,

Quem

Quem da Ribeira olhava,
Que era de tal maneira a eſquadria,
Que de hũa parte só, nunca ſe via,
E com diverſas cores
Se via a Primavera com mil flores,
O Veraõ com ſeus fructos ſazonados,
O Eſtio, & o Inverno, algoz dos prados.
Monſtro o corpo ſegundo em quatro faces,
Nas engras delle em caſas divididas
As Cidades ſe vem mais aplaudidas,
Com ſua Nao Lisboa,& ſua Eſphera,
Coimbra a ſua Dama,& hũa féra,
Evora o Cavalleiro,
O Porto, a Virgem noſſo bem primeiro.
Entre as Cidades,que hoje canta a Fama,
Quatro rios eſtavaõ com ſocego;
O Tejo,o Douro,o Minho,& o Mondego;
emcima deſtes rios,
Com valeroſos brios
Doze virtudes, só o arco tinha,
Porque as mais haõ de vir com a Raynha.
No meyo das virtudes,
Poſtas por mãos divinas,
Se vio de Portugal as ſinco quinas;
E no remate, com clarins de prata,
A Fama, que fiel tudo relata.
Dentro aqui deſte portico famoſo,
Em tudo portentoſo,
O Zodiaco eſtava,
E certo que admirava,
Ver os Celeſtes Signos
Em ſeus póſtos,& bazes chriſtalinos,

Taõ

Taõ vivos na pintura,& cor taõ rára,
Que pareceo que alli Deos os criára;
E o Sol como a doentes lhe fazia
Visitas cada dia,
Que só Cancer pudera
Dar que entender alli a toda a Esphera;
Até que a luz Imperial chegasse,
E com mais clara luz os visitasse
Toda a constelaçaõ se offerecia,
Para alli ser estrella de Maria;
Em todo o pedestal estava Emblema
Que assumpto ser pudéra de hum Poema;
Pois com versos latinos
Apollo os visitava, mais que aos Signos.
Por fóra para o mar tinha alguns grifos
Que soletrava o ár,com seus borrifos
Todos de flores,porque á flor Raynha
Só Emblemas de flores lhe convinha.
A primeira pintura
Dous cravos era em hũa ligadura
De hũa colonia bella
Hum Imperial,& outro de Arrochella,
E muito bem se lia
por bayxo este quarteto, que dizia.

Faça excessos Portugal,
Pois de Pedro a flor mais bella,
Se foy cravo de Arrochella,
Hoje he cravo Imperial.

Seguia-se o segundo,
De Portugal mostrando a todo o mundo
O excesso com que ama tal Raynha;
Esta pintura tinha:

Hũa

Hũa flor maravilha,& amor perfeito,
Ao que eſte quarteto eſtava feito.

Hoje com exceſſo brilha
O poder, & o reſpeito,
E ſe ve o amor perfeito
Transformado em maravilha.

Terceiro grifo era
Hũa Açucena em roſa transformada,
E hũa perpetua flor aſſi ligada;
Quem o grifo penetra.
Bem claro o tem neſta ſeguinte letra.

Hoje com Ceptro, & Coroa,
Luzida ſempre, & pompoſa,
Se muda a Açucena em Roſa,
Por ſer perpetua em Lisboa.

No quarto emblema por figura eſtava
Hũa flor giraſol,que o Sol girava,
(Amante ſympathia)
E deſta ſorte o mote ſe ſeguia.

Naõ brilhe o claro forol
Neſſa Eſphera Celeſtial,
Pois he do Sol Imperial,
Pedro amante Giraſol.

A pintura do quinto Emblema era
Lá na Celeſte Eſphera
Com azas hũa Angelica voando,
E a Fama o ſeu clarim de ouro tocando,
Toda aos ares entregue,
E lia-ſe no mote o que ſe ſegue:

Hoje a paſmos deſafia
Da Fama o doce clarim,
Pois he Pedro hum Serafim,
E hũa Angelica Maria.

O ſexto Emblema,& ultimo em ſy tinha
Os nomes da Raynha,
Por baixo eſte quarteto:
E dizem muitos que era bem diſcreto.

No mar já da fermoſura
Se vé o Narciſo melhor
Que SOFIA deſta flor
Portugal toda a ventura.

Do portico no Ceo hum Sol ſe via,
E hũa Aguia ſeus rayos lhe bebia,
Que ao Sol de Portugal ſem ter deſmayos
A Aguia Imperial lhe bebe os rayos,
Porque he Pedro luz tal,& tal portento,
Que ao meſmo Sol diſpenſa o luzimento.
Deſte portico hum corredor ſahia,
Que a meſma viſta dentro ſe perdia,
Nelle de parte a parte a viſta topa,
De Aſia, America, Africa, & Europa
Opulentas Cidades,& famoſas,
Donde vem pedrarias precioſas,
Açucar, beijoim, cravo, & pimenta,
Com que o Reyno ſe augmenta;
Conquiſta, em que o valor dos Portugueſes,
A eſpada tingio por muitas vezes.
No pavimento, bem no meyo eſtava
Taõ bella a Luſitania, que admirava;
Pintura de pintor taõ ſoberano,
Que nos prognoſticou Feliciano.
As armaçoens taõ bellas,
de bordados, volantes,& de tellas,
Que a viſta ſuſpendeo o novo ornato;
Do viſtoſo da ponte mais naõ trato,

Só

Só direy defta ponte,
Que os arcos que mais ricos fe fizêraõ,
Ser arcos defta ponte bem puderaõ,
E com fer de madeiras differentes
Aquillo pertencentes,
Na affiftencia, no affeyo, & no trabalho,
Foy defta vez a ponte de Carvalho,
Donde o Pires melhor, & mais illuftre,
Defte ornato,grandefa,& mageftofo,
Fez prato ás Mageftades muy goftofo:
Que de Lourenço só,& feus alentos,
Se efperavaõ taõ regios luzimentos.
Do corredor no meyo
Outra porta dos olhos foy recreyo,
Donde os Anjos tambem tomando as armas
De Pedro, & de Maria,
Hum,& outro brafaõ fe defafia,
Mas defte defafio taõ renhido
O Efcudo Portugues ficou ferido,
E com ter finco chagas nefte dia,
Mais feridas de amor appetecia,
E os mais Anjos com flores por Efcudo
De cima da varanda viraõ tudo.
Findava o corredor junto á Capella,
Donde todo o juizo fe atropella,
Se defcrevela intenta,
(E para o confeguir a mufa alenta:)
Porém direy sómente,
Que eftava taõ brilhante,& excellente,
Que dos olhos no mar, ricas, & graves,
Hiaõ ambas de ló as fuas naves,
Com tal gofto fe via

Que

Que dos olhos capella parecia;
E no vario das cores
Capella pareceo de muitas flores;
E he bem que por capella se conheça,
Pois sempre anda dos Reys sobre a cabeça.
Fez aviso segundo
O Conde,que Marquez já chama o mundo,
E como he de Alegrete,
Alegrias o aviso nos promette,
E de taõ boas novas admirados
Huns,& outros ficámos avisados;
Sendo que ha gosto tal,que de improviso,
Aquem se entende mais tira o juiso.
Mandou dizer o dia que partia,
& quando chegaria:
E foy prodigio isto
Que assim como o dispoz,assim foy visto;
E o dia signalado
Se vio na barra o bem taõ desejado:
Os cachopos de gosto rebentavaõ.
De alegria saltavaõ,
E as aguas christalinas
Correndo a todo trote
Vestiraõ esta vez de chamalote,
Que tanto o mar a esta Venus ama,
Que de amor cada onda era hũa chãma.
O Zefiro suave,
Que para a conduzir soprou mais grave,
Satisfazendo entaõ nosso desejo,
Em dous sopros a poz dentro no Tejo:
Em tiros toda se desfez a barra,
E para tal Senhora,

Se

Se desfizera toda a barra agora,
(Pois he mais bella do que diz a Fama.)
Porque naõ dá quem tem,dá quem mais ama.
Entrou de Saõ Joſeph pella enſiada,
Que anſiada por vella, pelos ares
Deixou dizer o que era,& entrouſe aos máres:
De barcas, & de barcos,
Arcos triumphaes tambem fez paço de Arcos;
E na breve paſſage,
Toda a terra lhe deu boa viage:
A torre de Bèlem, bem atirava,
E como jubileo todos ſalvava;
Muita gente de Alcantara na ribeira
Que para aver metteu ſua pedreira;
E foy neſta conquiſta
Todo o bairro,que a vio,a boa viſta,
A gente da Eſperança
Quando a teve preſente,
O bairro quiz deixar em continente,
Porque a Náo Capitania vindo entrando;
Olhos,& coraçoens vinha arraſtrando
As Chagas repicáraõ,
E como Armas Reaes a feſtejaraõ;
Que como quinas eraõ,
Em repiques de amor ſe desfizeraõ.
Deu fundo toda a Armada,
E com tempo jocundo
O diamante real, tambem deu fundo:
Sendo hũa joya a Náo,& bem fermoſa,
Por ter em ſi a pedra precioſa;
E pedra que a tal Pedro ſe dedica,
Digna he de eſtimação por fina,& rica.

Deſ-

Deſpois de darem fundo,
Em tiros ſe abraſava todo o mundo:
Atirou o Caſtello
Que foy no vigiar viva Atalaya,
E todo o povo entaõ ſe vio na praya.
Fragata naõ ficou, barco, nem bote,
Deſte, ou daquelle lote,
Que alli ſe naõ fretaſſe a todo o cuſto,
E ficou Portugal fóra de ſuſto,
Pois via no ſeu Tejo
O logro mais feliz do ſeu deſejo.
As Sacras Mageſtades,
Que julgavaõ hũa hora eternidades,
Vendoſe perto, ſem poderem verſe,
Já pella ſimpathia de quererſe,
Os coraçoens mandavaõ,
E cada inſtante alli ſe viſitavaõ.
Chegou ditoſa a hora,
E foy o Sol buſcar a ſua Aurora;
Partio a Mageſtade
Forçado da ſaudade
Com os grandes da Corte,
E foy buſcar a Eſtrella, & flor do Norte.
As tres horas ſeriaõ,
A tempo que no mar dous ſoes ſe viaõ,
Prodigio que admirava,
E a Lisboa mil bens prognoſticava.
Chegou o bargantim, & ao meſmo inſtante,
Sobio o Rey amante,
E quando ſe aviſtou Pedro, & Maria,
A tiros toda a Náo ſe desfazia:
Todo o baixel entaõ atirou logo,

E

E houve de parte a parte muito fogo.
Lançava o dia ſenas, rica ſorte,
Quando os Monarcas vinhaõ para o forte:
Tantas embarcaçoens naõ vio a gente,
Pois gemia com o peſo eſſa corrente,
E caſtigando entaõ a ſua queixa,
Buſcando terra amor, o rio deixa:
Sendo a ſegunda vez (ceſſem as mágoas)
Que vio Venus, amor, ſahir das aguas.
Para a ponte ſubiraõ,
E mil vivas ſe ouviraõ,
Que meſclados com o tom da artelharia,
Conſonancia nos coraçoens fazia;
Dizendo a vozes quem chegou a vela,
Naõ ſe vio atéqui couſa taõ bella.
Entráraõ pella ponte os ſôes benignos
Viſitando ſegunda vez os Signos,
E com luzes ſelectas
O Zodiaco vio mais dóus planetas:
A Aguia, que de hum Sol rayos bebia,
Vendo dous ſoes, deixou o que ſeguia;
E ſe vio logo alli em continente,
Europa ufana, o Tejo muy contente,
E por ſer eſcolhida
Luſitania ficou muy preſumida,
E entre as Cidades, que o clarim pregoa,
Sómente os parabens levou Lisboa.
No fim do corredor, toda a belleſa
ſe via na Princeſa,
(Ceſſem as competencias por agora,
Que hũa ha de ſer o Sol, & a outra, Aurora;)
Com real ſummiſſaõ, & corteſia

Se

Se inclina o Sol,& ſe reclina o dia;
Quem vio tanta terneſa
Entre hũa Mageſtade,& hũa Alteſa?
A Igreja ſubiraõ,
E de tal mãy as bençoens conſeguiraõ,
Com devoçaõ oráraõ,
E ao Rey dos Reys amantes adoraraõ:
E naõ he novo, naõ, que de contino
Tres Monarcas adorem o Rey Divino.
Subiraõ para o Paço os tres luzeiros,
E foraõ deſte dia os pregoeiros,
O goſto,o paſmo,a admiraçaõ,o aſſombro,
E a noite ſe nos poz,hombro,com hombro,
Houve tres noites fogo,
E começouſe logo;
Que os affectos amantes
O que ha de ſer deſpois,fazemno antes;
Houve tiros que farte,
Teve pendencias Jupiter com Marte;
Porque o Caſtello ardia,
E o militar eſtrondo só ſe ouvia,
E porque o ſino a recolher provoca,
A recolher tambem a muſa toca;
Promettendo para a ſegunda parte,
Empenhar outra vez,engenho,& arte.

FINIS.

ARCO TRIUNFAL

IDEA, E ALLEGORIA,

Sobre a Fabula de Paris em o

MONTE IDA,

CUJA FICÇAM HA DE SERVIR PARA o Arco Triunfal, que a Rua dos Ourives do Ouro celebra, em applauſo dos feliciſſimos Deſpoſorios das Auguſtas, & Luſitanas Mageſtades.

DESCREVE-A

PASCOAL RIBEIRO COUTINHO.

LISBOA.

Com todas as licenças neceſſarias.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL, Impreſſor do Sancto Officio.
Anno de 1687.